

UM OLHAR PORTUGUÊS SOBRE A ROMA DE QUINHENTOS

PAULO LOPES*

O PRESENTE ARTIGO pretende reflectir sobre um texto manuscrito em português, de autor anónimo, que podemos situar cronologicamente entre 1510 e 1517, intitulado: “Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauees cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgencias, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue”.

Conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves*, é um texto de apreciável dimensão (92 fólios) e de raro valor para o estudo das relações entre Portugal e a Europa, em particular entre Portugal e a Itália. O texto ocupa os fólios 136r-227v, de uma miscelânea portuguesa que contém no total 250 fólios. Está presente, com o n.º 76, na prestigiada colecção *Salazar* da Academia de História de Madrid. Muito provavelmente procede de uma biblioteca nobiliária portuguesa que o investigador Eugenio Asensio – o primeiro a chamar a atenção para este documento – não conseguiu identificar. Em 1667 surge incluído no catálogo impresso do Marquês de Montealegre que o

* Paulo Lopes nasceu a 7 de Maio de 1969, em Lisboa. Licenciado em História (FLUL) e Mestre em História Medieval (FCSH da UNL), é investigador no Instituto de Estudos Medievais (FCSH).

bibliófilo espanhol Antonio Rodríguez-Moñino deu a conhecer¹.

Até ao presente, à excepção dos artigos do referido Eugenio Asensio e de Aníbal Pinto de Castro², o manuscrito que contém as *Memórias de um Fidalgo de Chaves* nunca foi objecto de publicação nem de um estudo sistemático³.

Pelos seus conteúdos e estrutura narrativa, mas também pelas circunstâncias e contexto em que foi produzido, por um criado do 4.º duque de Bragança, D. Jaime (1479-1532), e a mando deste, o documento em questão constitui um testemunho privilegiado, diríamos mesmo em muitos aspectos, único, de um olhar “português” sobre a Roma do Renascimento, no dealbar do século XVI. Ao longo dos seus fólios – onde se destacam a letra densa e cerrada, bem como uma mancha de texto que ocupa quase a totalidade de cada fólio –, o anónimo criado que o duque D. Jaime enviou a Roma ergue um poderoso testemunho escrito em que ressaltam diversas visões da Europa, com particular destaque para a península itálica, relatando e descrevendo com minúcia importantes eventos que marcaram a história europeia no início do século XVI, mas também pequenos acontecimentos do quotidiano, o que faz deste texto, igualmente, uma “peça” de inegável valor histórico e antropológico. O documento revela-se ainda precioso

¹ Cf. Antonio Rodríguez-Moñino, *La colección de manuscritos del Marqués de Montealegre (1677)*, Madrid, s.ed., 1951, pp. 63 e 68, n.º 258.

² Cf. Aníbal Pinto de Castro, “Uma voz do diálogo luso-italiano na época de Quinhentos, a do ‘Fidalgo de Chaves’”, in *Mare Liberum*, 2, 1991, pp. 7-16; Eugenio Asensio, “Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y León X”, in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, XIII, 1970, pp. 7-28.

³ As *Memórias de um Fidalgo de Chaves* constituem o objecto primordial de análise da nossa tese de Doutoramento em História, projecto para o qual contamos com uma Bolsa da FCT. O acesso ao documento em questão foi-nos gentilmente facultado pelo Prof. Aníbal Pinto de Castro, a quem agradecemos a possibilidade de estudar tão precioso manuscrito.

para o estudo da presença portuguesa em Itália, trazendo para a luz aspectos desconhecidos das relações entre Portugal e este território, em particular a cidade de Roma e a cúria pontifícia.

As imagens e representações da Europa na documentação portuguesa durante a passagem da Idade Média para a Época Moderna e, mais especificamente, o estudo da presença portuguesa em Roma neste período de encruzilhada são temáticas que estão longe de se encontrarem esgotadas. Com efeito, as relações portuguesas com outros continentes (África, América e Ásia), proporcionadas pelas viagens via oceanos Atlântico e Índico, têm sido sistematicamente estudadas, sobretudo no quadro das investigações acerca dos Descobrimentos e da expansão portuguesa de Quatrocentos e Quinhentos. No entanto, exceptuando alguns estudos sobre diplomacia, que incidem, sobretudo, num período um pouco mais tardio (o reinado de D. João III [1502-1557]) e outros que se dedicam às célebres embaixadas do início do século XVI, em especial a do Rei D. Manuel (1469-1521) ao Papa Leão X (1475-1521), em 1514, pouco se tem avançado no estudo das relações com a Europa, em particular no campo da presença portuguesa em Itália durante as chamadas “Guerras de Itália” (1494-1559), bem como durante o conturbado período do final do pontificado de Júlio II (1503-1513) e do início do de Leão X (1513-1521).

As imagens fixadas pelo anónimo fidalgo português no início do século XVI oferecem uma visão clara do imaginário do Renascimento, ao mesmo tempo que constituem uma preciosa fonte para compreender aspectos muito diversos da cultura deste período. Noutra vertente, a leitura deste documento permite construir todo um quadro tipológico representativo das mutações vividas pelo homem europeu coevo, das mentalidades e das práticas sociais. Tudo porque, ao contrário de outros portugueses que estiveram em Itália,

como por exemplo Lopo de Almeida⁴, o fidalgo possui o equipamento e as condições culturais necessárias para apreciar devidamente, e com um notável grau de isenção, a civilização italiana, resultando o seu labor num texto que funciona como espelho dos processos políticos, diplomáticos e sociais vividos na Roma do primeiro quartel do século XVI, e ao mesmo tempo estabelece uma espécie de ponte entre a Idade Média e os tempos modernos. De facto, a viagem e o relato do fidalgo de Chaves constituem elementos marcantes dessa franja de transição, onde se interpenetram realidades ancestrais (a peregrinação, a cruzada...) com outras completamente novas (primazia do indivíduo, o privilegiar da observação e do testemunho directo, protagonismo original de determinadas figuras sociais como o cortesão...), claramente devedoras do humanismo e do quadro mais geral do Renascimento.

A Itália, e em particular Roma, são palco privilegiado das mutações vividas na Europa durante a passagem da Idade Média para a Época Moderna⁵. A partir de finais do século XV, quando em 1494 têm início as “Guerras de Itália”, a península itálica transforma-se no palco do confronto das grandes potências emergentes, a França e a Espanha, na disputa pela hegemonia política na Europa. Numa Itália politicamente fragmentada mas culturalmente brilhante, Roma, que é também a sede da Cristandade, distingue-se pela política, pela

⁴ D. Lopo de Almeida (c. 1416–1508) foi o primeiro conde de Abrantes, título concedido por D. Afonso V (1432–1481), em 1476. Pertenceu ao Conselho Real e foi igualmente vedor da Fazenda do monarca. Em 1451, D. Lopo de Almeida acompanhou a infanta D. Leonor (1434–1467) na sua viagem para desposar o imperador Frederico III (1415–1493). Descreve os acontecimentos que envolveram as cerimónias do casamento em várias cartas enviadas de Itália ao rei português, em 1452. Estas cartas constituem um dos documentos mais representativos e sugestivos do final da Idade Média portuguesa.

⁵ Cf. Romano Ruggiero, Tenenti Alberto, *Alle origini del mondo moderno (1350-1550)*, Milano, Feltrinelli, 1967.

diplomacia e pela cultura⁶. Aqui se podem encontrar elementos humanos e traços culturais de toda a Europa. E Portugal, esse periférico e pequeno reino que as viagens marítimas e a chegada à Índia, em 1498, trouxeram para uma posição de destaque, ganha protagonismo neste palco internacional. Disso nos dão conta, de forma eloquente e evocativa, as *Memórias de um Fidalgo de Chaves*.

Pela mão do perspicaz e arguto fidalgo de Chaves, perscrutamos respostas para toda uma série de questões fundamentais: numa época em que Portugal está predominantemente virado para o Atlântico e os Novos Mundos, qual era a visão, ou as visões, do velho continente que predominavam no seu seio? Que relações mantinha Portugal com a Europa, em particular com a Itália, grande palco das querelas europeias de então, mas também sede de um amplo e decisivo movimento cultural, como era o Renascimento? Que viagens se faziam e que testemunhos se escreviam? Que conhecimentos existiam do “Outro” europeu e como é que os europeus se viam uns aos outros?

As *Memórias de um Fidalgo de Chaves* anunciam já com pujança a nova era e os seus preceitos, em particular o novo modelo de comportamento e o novo modelo social do homem laico bem posicionado na escala social. O fidalgo faz a descrição ao vivo, aproveitando a observação directa e nunca desprezando nenhuma circunstância que constituísse valor para o património dos conhecimentos humanos. Revela, desta forma, um espírito observador e um humor satírico plenamente de acordo com a cultura que está a despoletar, deixando, por outro lado, um testemunho que, pelo seu poder descritivo e visual, a atenção ao pormenor, tem uma escassa tradição na cultura portuguesa.

⁶ Cf. Paolo Portoghesi, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971; Sylvie Deswarte, *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*, sep. *O Humanismo Português 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988.

Por outro lado, ainda que defendendo uma sociedade que mantém vivo o espírito de cruzada e condena o luxo, o fidalgo presenteia-nos com um relato do mais puro estilo renascentista. Movimentando-se durante sete anos no coração do espaço em que emerge a cultura do Renascimento, ele legamos um texto riquíssimo de informações, paradigmático de um encontro entre culturas com tantos traços comuns, o maior dos quais deriva da pertença a uma Cristandade simultaneamente una e diversa. O anónimo fidalgo inscreve o seu discurso no horizonte empírico do observador curioso, revelando as suas experiências imediatas ou os acontecimentos de que tomou conhecimento. As suas memórias são actuais. Revelam o que vê e escuta. Inscrevem-se no quadro da experiência directa, dos contactos pessoais, do testemunho individual (mesmo quando – ao efectuar a minuciosa descrição das igrejas de Roma, segundo a sequência das estações quaresmais, com indicação das inúmeras relíquias que nelas se veneravam e das indulgências que permitiam lucrar – segue *ipsis verbis* as *Mirabilia Urbis Romae*, como, aliás, honestamente confessa⁷, não deixa de conjugar as informações *lidas* com os dados resultantes da sua própria observação). As suas observações deixam transparecer os seus gostos estéticos, as suas opiniões, os seus hábitos e a sua forma de pensar.

Noutra vertente, a obra está repleta de páginas sobre a guerra, a política, a religião, a diplomacia (vejam-se, por exemplo, as descrições das embaixadas, em particular a dos húngaros⁸ e, em 1514, a de Tristão da Cunha⁹), o património, a arquitectura, a música e até as actividades lúdicas como as festas colectivas (notáveis são os fólios dedicados ao Carnaval de 1514¹⁰), a caça e as corridas de cavalos¹¹. Isto sem

⁷ *MFC*, fl. 50v.

⁸ *MFC*, fls. 164r/v.

⁹ *MFC*, fls. 178r a 179v.

¹⁰ *MFC*, fls. 181v a 184r.

¹¹ *MFC*, fls. 181v a 183v.

esquecer as observações sobre as mulheres romanas, em particular as cortesãs a quem dedica uma atenção muito especial¹². Pelo meio – e reside aqui o carácter híbrido, o marco do texto de viragem – intercala o texto com um autêntico guia de peregrinação¹³.

A exposição dos preceitos e das observações do autor é acompanhada da marca evidente de um temperamento individual. Isso é um sinal dos tempos, uma manifestação da transformação da sociedade em que o mesmo se insere e na qual, agora, o indivíduo parece ter, inegavelmente, um outro e mais destacado papel.

Ao mesmo tempo que fornecem visões riquíssimas da Europa, as *Memórias de um Fidalgo de Chaves* revelam sinais de alteração nas sensibilidades, nas práticas, nos gostos. Sob muitos pontos de vista, estes inserem-se ainda na tradição medieval. Mas ao mesmo tempo é manifesto que os comportamentos e as decisões revelam o início de algo novo. Veiculam uma nova maneira de perspectivar as coisas. São, em última análise, um sintoma de que a sociedade está em transição.

Por outras palavras, neste precioso documento sente-se já, não obstante todas as ligações à Idade Média, que um novo tempo progressivamente se enraíza. É precisamente por isso que constituem um precioso indicador de que estamos perante uma lenta, mas profunda – e por isso irreversível – transformação civilizacional.

As *Memórias de um Fidalgo de Chaves* veiculam igualmente uma plena noção do movimento e da vivacidade da Roma de Quinhentos várias décadas antes da famosa descrição de Michel de Montaigne (1533–1592) no seu *Journal de Voyage*¹⁴. Por outro lado, dão-nos a ver as contradições que assolavam

¹² *MFC*, fls. 184r/v, 204r a 206v.

¹³ *MFC*, fls. 185r a 200r.

¹⁴ Cf. Michel de Montaigne, *Le journal de voyage en Italie de Michel de Montaigne*, Paris, PUF, 1992.

a capital da Cristandade ocidental e, sobretudo, o universo da corte pontificia¹⁵. E nisso também é um documento deveras perturbante e original, pois o seu autor consegue perceber as particularidades dos vários intervenientes nos conflitos, mostrá-los em matizes, contrariando o lugar-comum de os descrever como blocos indiscerníveis e perfeitamente homogêneos. Tarefa tanto mais difícil quanto executada pela mão de um protegido do cardeal de Siena, Alfonso Petrucci (1491-1517), precisamente um dos principais protagonistas desses conflitos.

O texto do fidalgo ultrapassa largamente em vivacidade, percutância e capacidade de observação os discursos mais ou menos retóricos de outro tipo de textos da época, como por exemplo o dos cronistas. Enquanto figura que presenciou determinados acontecimentos cruciais para os destinos de Europa e, sobretudo, da Itália de então, o fidalgo transmite-nos, nas suas próprias palavras, uma visualização precisa (dentro do possível), directa, viva, dos acontecimentos em que participou ou aos quais assistiu de muito perto. Estamos, pois, inequivocamente perante um texto imbuído de espírito experimentalista, precisamente aquele que se encontra na gênese do pensamento e da forma de agir da era moderna.

Podemos mesmo afirmar que pelas páginas deste documento perpassa o apuramento dos sentidos despertos de uma Europa explosiva, que, relativamente ao seu próprio território e ao contrário do que por vezes se afirma, não está, decisivamente, presa numa profunda letargia ou sequer fechada sobre si mesma. Pela experiência passada ao papel, obser-

¹⁵ Cf. Alessandro Ferrajoli, “Il ruolo della Corte di Leone X (1514-1516)”, *Archivio della Reale Società Romana di Storia Patria*, XXXIV, 1911, pp. 363-391; Carlo Falcone, *Leone X: Giovanni de’ Medici*. Milano, 1987; Fabrizio Winspeare, *La congiura dei Cardinali contro Leone X*, Firenze, Olschki, 1957; Maurizio Gattoni, *Leone X e la geo-politica dello stato pontificio (1513-1521)*, Vatican City, 2000; Ludwig von Pastor, *Storia dei Papi. Dalla fine del medio evo*, vol. III (1484-1513), vol. IV, tomo 1 e 2 (1513-1534), Roma, Desclée, 1942- 1945.

vamos de tribuna privilegiada sentimentos, acções, acontecimentos e presenças marcantes de um momento charneira da história europeia.

Na demanda do fidalgo de Chaves, a curiosidade, a admiração e o juízo crítico dos comportamentos e das particularidades culturais do Outro europeu, juntando-se à observação e à reflexão, formam uma profícua simbiose de atitudes novas, materialização perfeita da anunciadora premissa de Duarte Pacheco Pereira (c. 1460–1533): “a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira”¹⁶.

Retratos colectivos, umas vezes, retratos individuais, outras. De realçar é que não são retratos frios, mas sempre denotativos de um sentimento – rejeição, admiração, aprovação... Podemos, até, afirmar que muitas vezes é o elemento puramente humano aquele que mais entusiasmo o autor da narrativa.

Não sendo italiano, o autor é uma personagem típica do ambiente difuso e socialmente misturado da gente notável de Roma, onde o peso dos valores cortesãos é cada vez mais notório e destacado. São sobretudo as motivações da cidade que o norteiam, com o seu acelerado movimento quotidiano desencadeador de uma tentacular trama internacional¹⁷. Uma urbe neste caso específico transformada em placa giratória das grandes trocas diplomáticas, políticas, bélicas e religiosas da Europa de então¹⁸.

¹⁶ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988, p. 20.

¹⁷ Cf. Domenico Gnoli, *La Roma di Leon X*, Milano, Ulrico Hoepli, 1938; G. A. Cesareo, *Pasquino e pasquinate nella Roma di Leone X*, Miscellanea della R. Deputazione romana di Storia patria, Roma, C. Ed. “Leonardo da Vinci”, 1938; *Pasquinate romane del Cinquecento*, Valerio Marucci, Antonio Marzo e Angelo Romano (a cura di), 2 vols., Roma, Salerno, 1983; Paul Larivaille, *La vita quotidiana delle cortigiane nell’Italia del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1987; Pio Paschini, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940.

¹⁸ Cf. André Chastel, *Il sacco di Roma – 1527*, Torino, Einaudi, 1983; Sergio Gensini, *Roma capitale (1447-1527)*, Ed. de Pacini, 1994.

A questão do anonimato do autor encontra-se por resolver. No entanto, invocando aqui Michel Foucault, consideramos que todos os textos são portadores de signos que reenviam para o autor, o que faz com que a identidade onomástica deste não seja, afinal, o mais importante para resolver, mas sim tentar esboçar o retrato deste visitante da Itália de Quinhentos (os contornos da sua identidade pessoal), enquanto participante de uma série de importantes acontecimentos históricos¹⁹.

O fidalgo de Chaves é um genuíno “europeísta”. E o seu europeísmo, mais do que no emprego da palavra Europa, reside no espírito que lhe anima a obra. Com efeito, ao longo dos seus fólhos ressalta discreta, porém, vigorosa, a concepção da Europa como espaço cultural aglutinado pela religião cristã e pelos seus princípios teológicos e morais. Neste sentido, o nosso autor encarna plenamente o espírito europeu coevo.

Mas o fidalgo de Chaves é também portador de uma inegável consciência nacional. No entanto, esta consciência sempre presente não o impede de olhar com clareza, objectividade e uma notável (para a época) isenção a cultura italiana e, mais especificamente, a de Roma e dos seus diversificados visitantes no início de Quinhentos. Tal postura deve-se fundamentalmente ao facto de nele ressaltar uma harmoniosa convivência entre dedicação pátria, humanismo e cosmopolitismo, ou não ocupasse lugar de marcada privança no círculo familiar do Cardeal de Siena. Na sua obra continuamente transparecem esses ideais que se completam entre si. Como refere Amadeu Torres, relativamente à coexistência de dois destes atributos, “Humanismo literário e cosmopolitismo são conceitos e realidades que necessariamente se não implicam nem excluem, mas na generalidade andaram bastante associados.”²⁰

¹⁹ Cf. Michel Foucault, *O que é um autor?*, Lisboa, Vega, 1992.

²⁰ Amadeu Torres, “Damião de Góis humanista e cosmopolita”, in *Damião de Góis: Humanista Português na Europa do Renascimento*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 17.

A consciência nacional do fidalgo de Chaves não resulta daquela mistura sempre nociva entre soberba, preconceito e orgulho desmedido. Pelo contrário, trata-se de uma consciência até algo velada, um profundo e genuíno sentimento da pátria para lá das evidências, que a ausência de retórica impõe e dignifica. E, de facto, a pátria nestes fólios surge mais como um sentimento e uma ideia, do que como uma coisa palpável, um objecto que se transporta e se utiliza sempre que a situação o justifica.

O nosso esforçado fidalgo só foi escritor por solicitação superior, hierárquica. Não é a vocação que o chama mas um dever que o incita ou força. Daí que, nele, o homem que intervém e experimenta em primeira mão vale mais do que o escritor – o que não deixa de ser uma superior manifestação do humanismo e do “cenário” que o contextualiza, isto é, o Renascimento. Podemos mesmo dizer que o seu humanismo está expresso, antes de mais nada, na moral que lhe assiste. Uma moral que não é senão uma atitude de esclarecimento e elucidação, de concórdia e de justiça, mesmo quando tem por veículo a ironia, que, saliente-se, não escasseia ao longo do relato. Uma moral que se reflecte, sobretudo, nos diversos momentos em que a corrupção o confrange.

Isto conduz-nos a outro traço definidor do seu humanismo: a intencionalidade crítica. De facto, o fidalgo não se limita apenas a informar. Provam-no os diversos momentos em que brota do seu espírito o crítico feroz, que não deixa, por exemplo, passar incólumes determinadas atitudes e condutas de figuras de grande prestígio (vejam-se os casos de Júlio II [1443-1513] e Leão X²¹).

O fidalgo de Chaves é também uma figura de relevo na medida em que preenche um dos arquétipos do quadro cultural e social de então: o cortesão, o homem da corte, elo

²¹ *MFC*, fs. 168r a 169r (no caso de Júlio II); e 170r, 171r, 172r/v, 226r/v (em relação a Leão X).

vital de uma cadeia de poder em plena ascensão e de toda uma nova forma de fazer política e diplomacia. Por outro lado, amigo do cardeal de Siena, que o protegeu, ele deixou no seu texto o manifesto do seu gosto culto e requintado, dominado pelos valores que o Renascimento italiano definiu e que os humanistas se encarregaram de difundir em toda a Europa, deles fazendo, em grande medida, um património comum. Reside aqui um traço chancelador do seu cosmopolitismo. Com efeito, o seu gosto pela música, a pintura, o património e a arquitectura, que podemos depreender em diversas passagens, revela o seu interesse pela linguagem universal das artes. Estamos, pois, não perante um cosmopolitismo passivo, típico do turista actual, mas antes perante um cosmopolitismo autenticado pela acção – artística, política, cultural, religiosa, bélica, ou mesmo ao nível das simples práticas sociais quotidianas. E nunca poderemos esquecer que todos estes atributos aproximam e são pontes privilegiadas para a elaboração de amizades e para o estabelecimento de relações humanas – outro elemento definidor do humanismo.

Apesar de não fazer recurso da profunda sapiência de um Gaspar Barreiros²² (c. de 1500-1574) ou da graça quase jovial de um Lopo de Almeida²³ (? - 1508), o anónimo e sempre cauteloso fidalgo de Chaves foi inequivocamente um dos que tornaram possível, pela sua acção e pelas suas relações, saber muito mais acerca do dia-a-dia da Roma quinhentista. Como assinalou Aníbal Pinto de Castro, “Entre as vozes que mais expressivamente estabeleceram o diálogo cultural luso-italiano durante a época de Quinhentos, conta-se, sem sombra de dúvida, a daquele fidalgo que, nascido em Chaves, de lá abalou para Roma, ao serviço do Duque de Bra-

²² Cf. Gaspar Barreiros, *Chorographia*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1986.

²³ Cf. Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, Rodrigues Lapa (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1935.

gança, D. Jaime, aos 21 de Maio de 1510, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517.”²⁴

Em síntese, quem se dedica a estudar a Roma dos inícios do século XVI e a presença estrangeira no seio dos seus principais círculos sociais e políticos, não pode deixar de se sentir atraído pela personalidade do fidalgo de Chaves, que no quadro geral desse movimento teve uma acção que não foi, por certo, das mais obscuras e nele ocupou o lugar daqueles que verdadeiramente comungaram no espírito explosivo da “capital da Europa” de então.

A nós, lançados aos atribulados caminhos italianos e às buliçosas ruas romanas pela mão de tão arguto observador, “resta-nos” mergulhar no universo mental quinhentista através de um texto poderoso e tão diversificado, pela multiplicidade de temas, quanto sugestivo, pelo tom e o estilo. Desta forma, podemos ter o raro privilégio de olhar e sentir a Roma do Renascimento, tal como foi vista e vivida por um anónimo fidalgo quinhentista que, no longínquo ano de 1510, partiu do Reino de Portugal para Itália, ao serviço do seu senhor.

²⁴ Aníbal Pinto de Castro, *cit.*, p. 7.